

## OPINIÃO

MOGI DAS CRUZES, SEXTA-FEIRA, 26 FEVEREIRO DE 2016 O DIÁRIO

21

### EDITORIAL

## Quem seria o nosso Bloomberg?

O divisor de águas foi o 24 de outubro de 1930, quando a Aliança Liberal derrubou o governo eleito de Júlio Prestes e conduziu Getúlio Vargas à Presidência da República. Por aqui, o fim da República Velha determinou, também, o fim de empresários ou profissionais liberais na política. A partir daí, exceção de hiatos pouco representativos, a história política local é determinada por períodos hegemônicos, exercidos por correntes políticas muitas vezes antagônicas.

A ponto de dois irmãos disputarem o cargo de prefeito e decidirem a demanda na Justiça. Foi assim em 1952, quando Carlos Alberto Lopes disputou com o irmão Francisco Ferreira Lopes e levou nas urnas, em primeira instância. Contudo, uma ação do consanguíneo em torno da validade ou não dos votos de internos do Leprosário de Santo Ângelo conduziria Chico Lopes ao posto. Este foi apenas um entrevero do exercício político da família, que teve início em 1929, com a primeira posse de Carlos Alberto na Prefeitura e terminou só em 1968, derrocada por um oponente feroz, Waldemar Costa Filho.

Começava aí mais uma temporada, desta feita duraria 32 anos; até 2000, ano em que Waldemar encerrou seu quarto mandato de prefeito, poucos meses antes de morrer.

E se inicia outro período, com a eleição de Junji Abe, reeleito em 2004 e apoiador da primeira candidatura vitoriosa de Marco Bertaiolli em 2008. Prefeito que, no pleito de 2012, assinalaria recorde histórico de aprovação, reeleito com incríveis

80,82% dos votos válidos.

Neste março que se aproxima e a sete meses das eleições municipais, a Cidade deve começar a sentir mais fortemente as movimentações do tabuleiro que levará à escolha do próximo prefeito. Por enquanto, o caldeirão segue em fogo lento, alimentado apenas por Junji Abe, que não esconde seus bispos, peões e torres, movimentando-os com desenvoltura para viabilizar a sonhada candidatura e retornar ao cargo que ocupou por oito anos.

### Haveria espaço para um Michael Bloomberg em Mogi das Cruzes?

Muito discretamente há conversas de pé de ouvido com uma pergunta só: "E se houvesse um candidato sem comprometimento político, de realizações comprovadas em favor de Mogi na iniciativa privada e de currículo empresarial completo? Quem seria?"

Para responder a esta pergunta, impossível ignorar a experiência de Michael Bloomberg na Prefeitura de Nova York. Ele, que figura entre os 10 homens mais ricos dos Estados Unidos (algo como USD 22 bilhões), exerceu o cargo por dois mandatos no início dos anos 2000, tirou Nova York de uma linha descendente de estagnação e ascendeu de violência e estabeleceu o conceito de "tolerância zero".

Haveria espaço para um Michael Bloomberg em Mogi das Cruzes? Quem seria?